



Abordando o classismo no movimento ambientalista

A opressão e a exploração tornaram-se parte integrante e institucionalizadas em nossas sociedades. O classismo desempenha um papel fundamental em todas as formas de opressão. Definimos o classismo como o maltrato sistemático da grande maioria da população mundial (pobres e classe trabalhadora) por uma pequena minoria da população mundial (a classe proprietária). Esse sistema permite que a classe proprietária acumule grande riqueza a partir do trabalho da classe trabalhadora e dos recursos extraídos da terra. Alguns estudos estimam que 1% dos adultos mais ricos possuem 48% da riqueza pessoal e que 10% dos adultos mais ricos possuem 85%. A metade mais pobre da população adulta mundial possui 2% da riqueza global. A classe proprietária controla os recursos e toma decisões que a favorecem financeiramente e perpetuam o capitalismo.

O mesmo se aplica às nações. Alguns países ricos dominam os países mais pobres e acumulam riqueza às custas da maioria da população mundial — classismo em nível internacional.

O classismo, como se manifesta no capitalismo, é a causa principal da degradação ambiental — o lucro é buscado independentemente do custo para a Terra e seus habitantes. As indústrias

extrativas causaram grandes danos à terra e aos que trabalham nessas indústrias. Elas falharam em adotar medidas que (1) protejam o bem-estar dos trabalhadores e das pessoas que vivem nas proximidades, (2) minimizem a contaminação causada pelos processos extrativos e industriais, (3) restaurem a terra após a extração e (4) cessem as operações quando consequências perigosas forem reveladas. Em vez disso, a fim de maximizar os lucros, as indústrias ocultam informações sobre práticas perigosas e combatem os esforços para responsabilizá-las.

O capitalismo também promove certas suposições que levaram à destruição ambiental. Entre elas estão (1) que o crescimento econômico contínuo é essencial, (2) que o capitalismo é o melhor e único sistema possível e (3) que todos os problemas, incluindo a crise climática, podem ser resolvidos tornando as “soluções” lucrativas para as corporações e a classe proprietária. Essas suposições são aceitas inconscientemente porque estão profundamente enraizadas em muitas culturas. Portanto, desafiá-las é uma parte importante do trabalho que temos a fazer.

Tentativas anteriores de nações ou povos de organizar um sistema econômico diferente do modelo capitalista foram severamente atacadas



ou corrompidas internamente pelo classismo. As economias existentes que rejeitam o capitalismo são fortemente desacreditadas e minadas pelo sistema de classes dominante.

Como resultado, não há um entendimento generalizado sobre a opressão de classe. Essa ausência deixou nossas sociedades vulneráveis a serem divididas pelo racismo, antissemitismo, sexismo e outras opressões. As pessoas são levadas a culpar os outros pela disfunção e pelas desigualdades gerais, em vez de culpar o sistema. Muitas vezes, outros grupos oprimidos (e às vezes grupos progressistas) culpam a classe trabalhadora, acusando os trabalhadores (que precisam de seus empregos) de impedir o fim do sistema injusto.

Os povos indígenas, que tentam viver fora de um modelo baseado em classes, são fortemente alvo de políticas genocidas que lhes tiram a soberania e minam suas tentativas de viver de forma sustentável em uma sociedade sem classes.

Outro efeito do classismo é que as perspectivas das pessoas de comunidades pobres e da classe trabalhadora têm sido geralmente marginalizadas ou excluídas do movimento ambientalista tradicional nas nações globalmente dominantes. Ao mesmo tempo, as pessoas da classe média e da classe proprietária têm sido excessivamente representadas na liderança. Algumas das questões historicamente priorizadas pelo movimento ambientalista



A *Sustaining All Life* (SAL) é uma organização internacional de base que trabalha para acabar com a emergência climática e todas as divisões entre as pessoas. A *United to End Racism* (UER) é composta por uma grande diversidade de pessoas em muitos países diferentes, que se dedicam a eliminar o racismo no mundo e a apoiar os esforços de todos os outros grupos com este mesmo objetivo. A UER e a SAL são projetos da Re-evaluation Counseling (RC) e utilizam as suas ferramentas. O Re-evaluation Counseling é uma teoria e prática bem definida que ajuda pessoas de todas as idades e origens a trocarem ajuda eficaz entre si, a fim de se libertarem dos danos emocionais resultantes da opressão e outras mágoas. Ao ouvirem-se uns aos outros e encorajarem a libertação de emoções dolorosas, as pessoas podem curar mágoas antigas e tornar-se mais capazes de pensar, de se expressar e de organizar e liderar outros na construção de um mundo em que os seres humanos e outras formas de vida são valorizados e o ambiente é restaurado e preservado. Reevaluation Counseling existe atualmente em 95 países.



SustainingAllLife.org



UnitedToEndRacism.org



[sustaining_all_life](https://www.instagram.com/sustaining_all_life)



[@sustainalllife](https://twitter.com/@sustainalllife)



[SustainingAllLife](https://www.facebook.com/SustainingAllLife)



Escaneie-me



(como a conservação de espécies e terras) têm servido principalmente aos interesses da classe proprietária. Essas questões podem ser percebidas como muito distantes da vida daqueles que lutam para satisfazer necessidades básicas como moradia, alimentação e cuidados de saúde. Esse classismo incontestado tornou o movimento pouco acolhedor para aqueles que não têm acesso ao poder, privilégios ou recursos materiais. Além disso, as atitudes típicas da classe proprietária de direito, arrogância e superioridade moral tornam muito difícil para aqueles explorados pelo sistema de classes participarem do movimento.

A cura das feridas da opressão de classe não é um trabalho rápido ou fácil. As divisões de classe são profundas. Devemos estar abertos para curar as feridas que alimentam essas divisões e nossa separação uns dos outros. É necessário fazer isso para construir um movimento unido. Muitos de nós resistimos ao trabalho emocional. Podemos sentir que não temos tempo suficiente. Ou podemos sentir que só conseguimos ter sucesso na vida por não mostrar a ninguém o quanto fomos feridos. Podemos sentir vergonha ou constrangimento por nossos sentimentos. Podemos ter sobrevivido entorpecendo-nos para os danos que carregamos e assumindo que nunca nos livraremos deles. Podemos sentir que seria insuportável olhar e sentir esses sentimentos novamente. Talvez isso se deva ao fato de não termos tido a oportunidade de contar nossas histórias ou de não termos sido bem tratados quando tentamos contá-las.

Podemos nos libertar de quaisquer sentimentos de isolamento, medo, ignorância, humilhação, vitimização, raiva, indignação, impotência, superioridade, direito ou desprezo que são instalados pela nossa sociedade em cada um de nós, independentemente de nossa origem de classe.

Em *Sustaining All Life/United to End Racism*, aprendemos que podemos nos curar das feridas causadas pelo classismo e pelo classismo internalizado (as mensagens negativas sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor que internalizamos e depois agimos como se fossem verdadeiras). Fazer esse trabalho de cura nos permite pensar sobre como o classismo é praticado dentro do movimento ambientalista e da sociedade em geral, e como ele pode ser abordado e resolvido. Também ganhamos uma compreensão mais profunda de como o capitalismo prejudicou a todos nós. A cura dos efeitos do classismo não substitui a ação para trocar o capitalismo por outro sistema, mas é uma parte vital do trabalho para acabar com o classismo e o capitalismo.

Ao liberar sentimentos de angústia relacionados à classe em uma rede de apoio, podemos nos tornar cada vez mais unidos, esperançosos, atenciosos, alegres e comprometidos. Isso nos fortalecerá à medida que construirmos nossos movimentos.





O Trabalho de *Sustaining All Life* e *United to End Racism*

É possível limitar os efeitos das mudanças climáticas causadas pelos humanos e restaurar o ambiente — se fizermos algumas mudanças muito grandes na nossa economia, nos nossos sistemas energéticos e nas nossas vidas nos próximos cinco a dez anos. *Sustaining All Life* e *United to End Racism* acreditam que a crise ambiental só pode ser resolvida se abordarmos simultaneamente o racismo, o genocídio dos povos indígenas, o classismo, o sexismo e outras opressões. O impacto da destruição ambiental e das alterações climáticas recai mais fortemente sobre os grupos alvo dessas opressões e sobre outras populações vulneráveis (incluindo populações de idosos, pessoas com deficiência e crianças). Fazer as mudanças necessárias exigirá um movimento massivo, abrangendo todo o mundo, de pessoas de todas as origens lutando contra os efeitos das mudanças climáticas, do racismo e da exploração.

Na *Sustaining All Life* e na *United to End Racism*, acreditamos que as barreiras à construção de um movimento suficientemente grande e poderoso incluem (1) antigas divisões (geralmente causadas pela opressão, especialmente pelo racismo e pelo classismo) entre nações e entre grupos de pessoas, (2) sentimentos generalizados de que é tarde demais e que quaisquer ações serão ineficazes, (3) negação ou falha em lidar com a emergência climática e (4) dificuldades em abordar eficazmente as ligações entre a crise ambiental e as falhas do nosso sistema econômico. A *Sustaining All Life* e a *United to End Racism* trabalham para abordar estas e outras questões.

O papel da opressão

As formas econômicas e políticas das nossas sociedades exigem crescimento e lucro, com pouca consideração pelas pessoas, outras formas de vida ou pela Terra. Isto resulta em exploração e opressão. As opressões (como o racismo, o classismo, o sexismo e a opressão dos jovens) afetam todos nós, infligindo enormes injustiças, limitando o acesso aos recursos e prejudicando a vida de milhares de milhões de pessoas. Uma vez alvo da opressão, tendemos a interagir com os outros de maneiras que repetem as mágoas que sofremos. Grande parte do dano mental e emocional que sofremos é resultado dessa transmissão da mágoa. A nossa experiência é que, embora as pessoas sejam vulneráveis a interagir de forma

opressiva, o comportamento opressivo não é inerente, mas surge apenas quando uma pessoa foi magoada emocionalmente. As sociedades opressivas manipulam essa vulnerabilidade para estabelecer e manter a exploração econômica.

A importância de curar os danos pessoais

Os danos mentais e emocionais que nos são causados pela opressão e outras experiências dolorosas interferem na nossa capacidade de pensar com clareza e colocam grupos de pessoas uns contra os outros. Isso torna difícil para nós pensarmos e respondermos de forma eficaz à emergência climática.

Curar as mágoas que ajudam a manter a opressão e levam a outros comportamentos prejudiciais não é um trabalho rápido nem fácil. Muitos de nós resistimos a esse trabalho de cura pessoal. Podemos ter sobrevivido entorpecendo-nos para o dano que nos foi causado pela opressão. Alguns de nós supomos que nunca nos recuperaremos desse dano. Em *Sustaining All Life* e *United to End Racism*, aprendemos que é possível nos libertar dessas mágoas e enfrentar as barreiras para desenvolver uma organização mais eficaz. Podemos curar-nos de experiências dolorosas se alguém nos ouvir com atenção e nos permitir e encorajar a libertar a dor, o medo e outras emoções dolorosas. Isto acontece por meio dos nossos processos naturais de cura — conversar, chorar, tremer, expressar raiva e rir.

Ao libertar a dor emocional numa rede de apoio, podemos permanecer unidos, esperançosos, atenciosos, alegres e comprometidos. Isso, por sua vez, fortalece-nos na construção dos nossos movimentos para impedir os efeitos das mudanças climáticas e do racismo.



Para mais informações, consulte:

www.sustainingalllife.org or www.unitedtoendracism.org
ou **escreva para:** Sustaining All Life/United to End Racism
19370 Firlands Way N, Shoreline, WA 98133-3925 USA
E-mail: sal@rc.org **Tel.:** +1-206-284-0311